

Formação do professor no conhecimento da influência do estilo parental na educação dos filhos

Paula Cruz Goitein (UNESP Rio Claro-SP); Leila Maria Ferreira Salles (UNESP Rio Claro-SP). Dimensão Cultural na Formação de Professores.

1. Introdução e Justificativa

O interesse em desenvolver este trabalho parte do projeto intitulado “Violência na escola: as influências do clima organizacional e das relações familiares”. Este estudo, que foi financiado pela FAPESP (Processo n. 07/04102-1) e foi desenvolvido por uma equipe de professores com a intenção de investigar a temática: “jovens e violência”, aborda a relação que pode a violência protagonizada por jovens na escola ter relações com aspectos da família. O estudo sobre escola, família e relações familiares evidenciou que a família é considerada pelos educadores como a principal causa dos comportamentos violentos protagonizados pelos jovens. A violência dos jovens na escola é explicada pelos modos de organização familiar, os tipos de arranjos familiares e as práticas educativas que os pais empregam na criação dos filhos. Embora os educadores pareçam diferenciar as famílias pobres entre si, há famílias pobres tidas como adequadas e famílias pobres que são inadequadas para criar seus filhos. A distância cultural entre os educadores e as famílias dos alunos nas escolas pesquisadas constituiu-se na categoria central para a análise dos dados (SALLES, L M F.; SILVA, J. M. A de P.; F. VILLANUEVA, C; REVILLA, J. C., BILBAO, R. D. *Violência na Escola: as influências do clima organizacional e das relações familiares* Relatório de Pesquisa, 2009 (Financiamento Fapesp).

Para os educadores, os jovens são reflexo da família, e esta, cujo jovem é protagonista de violência, é tida como desestruturada, pois tem pais separados ou não presentes, que não impõem ou tem dificuldade para impor limites. Porém, essa estrutura familiar não ocorre exclusivamente com famílias de filhos tidos como violentos. Com isso desqualificam-se as famílias que vivem nas periferias (CUNHA, 1997; MELLO, 2002).

Para os docentes e gestores a tutela familiar exercida pelas famílias dos alunos oscila entre a permissividade e o autoritarismo, indicando que os estilos parentais são criticáveis, seja por serem autoritários, seja por serem permissivos ou negligentes. Essas afirmações estão de acordo com a literatura, pois vários estudos, como os Segond (1992), Verzini (1996), Cecconello, Antoni e Koller (2003), Weber (2004) e Gomide (2006), indicam que filhos de pais negligentes ou autoritários têm comportamentos violentos. As colocações dos professores a respeito dos modos de imposição de autoridade na família dos jovens protagonistas de violência estão ainda conforme os estudos feitos com as famílias pobres, que têm mostrado que estas famílias têm

dificuldade de impor disciplina aos seus filhos adolescentes (MELLO, 1998, LESSER DE MELLO, 2002, SARTI, 1999).

O projeto “Violência na escola: as influências do clima organizacional e das relações familiares” foi realizado em duas escolas que atendiam o ensino fundamental II ou ensino médio e apresentavam incidentes de violência. As duas escolas se encontravam na periferia do município de Rio Claro.

A escola 1 localiza-se em um bairro de classe social média. Ela funciona nos três períodos e atende 1118 alunos. No período noturno a escola oferece o EJA (Educação para Jovens e Adultos). A maioria da comunidade local tem seus filhos matriculados em escolas particulares, então a maioria dos alunos é proveniente de bairros distantes, sendo apenas 5% dos alunos residentes em bairros próximos.

A escola 2 atende 800 alunos de 5ª à 8ª séries do Ensino Fundamental e Ensino Médio, distribuídos entre o período da manhã e da tarde, que em sua grande maioria residem nos bairros circunvizinhos à escola. A instituição escolar está localizada em uma área de periferia, com grande densidade demográfica e baixos índices sócio-econômicos, nesta área. Predominam as habitações de padrão popular e conjuntos residenciais populares, criados nas décadas de 80 e 90 pelo poder público. Apesar de possuírem toda a infra-estrutura básica, alguns bairros desta área não possuem pavimentação asfáltica.

2. Modos de tutela familiar e imposição de autoridade

Segundo Cecconello, Antoni e Koller (2003), comportamentos dentro das famílias tem sofrido mudanças, como consequência de mudanças culturais na sociedade. A aplicação da força física é cada vez mais questionada, embora, como prática educativa, alguma punição no contexto familiar seja considerada como justa.

Ao mesmo tempo, o senso de estabilidade, gerando sentimento de segurança dos pais aos filhos, os protege contra situações de estresse (DE ANTHONY apud CECCONELLO, ANTONI e KOLLER, 2003).

A reciprocidade, equilíbrio de poder e o afeto, (BRONFENBRENNER apud CECCONELLO, ANTONI e KOLLER, 2003) podem ser fatores que diferenciam estilos parentais e estes podem gerar a propensão anti-violência e até as eventuais defesas em tais situações. No entanto, o poder é o potencial de uma pessoa em compelir outra a agir contra a vontade (HOFFMAN apud CECCONELLO, ANTONI e KOLLER, 2003). O afeto, por si, gera mais condições a situações adversas.

Nos estilos parentais, duas dimensões distintas podem ser reconhecidas, envolvendo também as práticas educativas que visem o alcance de objetivos no campo acadêmico, social e afetivo (HART apud CECCONELLO, ANTONI e KOLLER, 2003).

Presume-se que a atitude violenta prescinde de tais práticas de onde provém o praticante da violência.

Mesmo restringindo comportamentos, a demonstração de cuidado e afeto, estimulando, desse modo, comportamentos autônomos ou responsáveis podem contribuir com o processo educativo da escola. A autoridade e o autoritarismo não são, portanto, sinônimos (HART; HOFFMAN apud CECCONELLO, ANTONI e KOLLER, 2003).

As estratégias educativas, que podem ser divididas entre indutiva e coercitiva, podem gerar efeitos opostos, pois podem induzir modificações voluntárias ou não, respectivamente (HOFFMAN apud CECCONELLO, ANTONI e KOLLER, 2003).

Práticas coercitivas podem induzir pela punição física e privação de privilégios a adequar as crianças por desenvolverem emoções intensas como hostilidade, medo e ansiedade, sempre esperando por sanções, ao contrário de estratégias indutivas que favorecem a internalização moral. Tais sanções são consideradas como eliciadoras de sentimentos negativos, inibindo a produção de comportamentos. A coerção e rompimento de ligações afetivas estão sempre presentes (HOFFMAN; GRUSEC e LITTON apud CECCONELLO, ANTONI e KOLLER, 2003).

As estratégias indutivas são um meio de controle mais indireto, que enfatiza as conseqüências negativas do dano causado aos outros. Os pais ao educarem a criança explicam as regras, os princípios e os valores, fazem advertências morais, apelam para o amor que a criança sente por eles e direcionam a sua atenção para as conseqüências de seu comportamento e para a situação. A disciplina indutiva favorece a internalização de padrões morais.

Estudos apontam que medidas restritivas a comportamentos inapropriados, com as devidas explicações podem minimizar comportamentos negativos da criança, falta de controle e controle excessivo pode demonstrar desequilíbrio nas relações dos pais (BAUMRIND apud CECCONELLO, ANTONI e KOLLER, 2003).

Estudos apontam diferenças entre estilos parentais autoritativos (com influência positiva ao desenvolvimento psicológico; está baseado no respeito mútuo e há um equilíbrio entre afeto e controle) e autoritário (autoritário implica em alto nível de controle), indulgente (caracterizado pelo baixo controle e alta responsividade, que indica o quanto o adolescente percebe seus pais como amorosos, responsivos e envolvidos) e negligente (caracterizado pelo baixo controle e responsividade) com maior incidência sobre resultados negativos (CECCONELLO, ANTONI e KOLLER, 2003; WEBER et al, 2004).

3. O estudo

A coleta de dados com os alunos foi realizada por meio de questionários com perguntas relativas às práticas educativas maternas e paternas. O número de

questionários respondidos nas duas escolas totalizou 848. Na Escola 1, foram respondidos 204 questionários sobre as práticas educativas paternas e 217 sobre as práticas educativas maternas. Na Escola 2 foram respondidos 214 questionários sobre as práticas educativas paternas e 213 sobre as práticas educativas maternas.

Como o objetivo da aplicação deste questionário era o de caracterizar a tutela familiar em alunos protagonistas de violência e em alunos não protagonistas de situações deste tipo, foi pedido para cada aluno que, ao responder os questionários sobre estilos parentais, anotasse o seu número de chamada nas aulas no início da folha com as questões. Essa identificação foi confrontada com os registros nos boletins de ocorrência das escolas e com a indicação dos alunos que consideravam violentos.

Estes critérios possibilitaram a identificação do grupo de alunos protagonistas de situações de violência e permitiu a identificação de cada um dos alunos nos questionários respondidos. No total, foram identificados na Escola 1, 109 alunos que protagonizam violência, sendo que 65 deles estavam matriculados nas 7ª séries e 45 nas 8ª séries. Na Escola 2, no total foram identificados 48 alunos que protagonizam violência, sendo que 34 deles estavam matriculados nas 7ª séries e 14 nas 8ª séries.

Destaca-se que neste projeto as famílias dos alunos não foram investigadas diretamente, pois os estilos parentais foram examinados somente por meio de questionários aplicados aos alunos.

Será analisado nesse trabalho as respostas dos alunos quanto às práticas parentais de pai e mãe, buscando relacionar a porcentagem de índices de práticas parentais positivas e negativas. O estudo sobre os Estilos Parentais dos alunos das escolas 1 e 2 é um dos objetivos da presente pesquisa, e para tanto foi utilizada a metodologia do IEP (Inventário de Estilos Parentais) tendo como referencial teórico GOMIDE, P.I. C. (coord, 2006). O Índice de Estilo Parental (GOMIDE, 2006), é calculado somando-se as práticas positivas entre si e as negativas entre si, o resultado de cada soma é subtraído. O IEP negativo indica práticas parentais negativas, que neutralizam ou se sobrepõe aos positivos. Quando o IEP é positivo indica práticas parentais positivas que neutralizam ou se sobrepõe aos negativos.

O estilo parental é definido como o conjunto das práticas educativas parentais utilizadas pelos cuidadores com o objetivo de educar, socializar e controlar o comportamento de seus filhos (GOMIDE, 2006). As práticas educativas podem ser diferenciadas entre positivas e negativas. As positivas são monitoria positiva (que envolve o uso adequado da atenção, o adequado estabelecimento de regras, a distribuição contínua e segura de afeto), e comportamento moral (que implica em promover condições favoráveis ao desenvolvimento da empatia, senso de justiça, responsabilidade, trabalho, generosidade e do conhecimento do certo e do errado) e as negativas são

negligência(ausência de atenção e afeto), abuso físico e psicológico(imposição da disciplina por meio de práticas corporais negativas, ameaças e chantagem), disciplina relaxada(que compreende o relaxamento das regras estabelecidas), punição inconsistente(os pais se orientam por seu humor na hora de punir ou reforçar e não pelo ato praticado) e monitoria negativa (caracterizada pelo excesso de instruções independentemente de seu cumprimento). Na escola 1 foram entrevistados 217 alunos sobre os estilos parentais de mãe, sendo que 53% dos alunos apresentaram práticas parentais de mãe é negativas, e destes, 58% eram meninos. Foram também entrevistados 204 alunos da mesma escola sobre os estilos parentais de pai, com 61% de alunos apresentando práticas parentais de pai negativas, sendo destes 52% meninos. Na escola 2 foram entrevistados 213 alunos sobre os estilos parentais de mãe, sendo que 53% dos alunos apresentaram práticas parentais de mãe negativas, sendo 45% meninos. Na mesma escola, participaram da entrevista 214 alunos sobre os estilos parentais de pai, sendo que 62% apresentaram práticas educativas de pai negativas, destes 48% meninos.

A avaliação das práticas educativas que os pais empregam com seus filhos permite, segundo Gomide (2006), identificar as situações de risco, isto é aquelas que contribuem para que os jovens desenvolvam comportamentos anti-sociais, como protagonismo de violência e intervir por meio de programas de prevenção.

Para a definição do IEP foi aplicado um instrumento de pesquisa (inventário) com 42 questões que correspondem às sete práticas educativas do modelo citado. Para cada prática educativa, foram elaboradas seis questões distribuídas espaçadamente ao longo do inventário. Foram criados dois modelos de inventários para definição dos estilos parentais paterno e materno, que foram aplicados aos alunos.

Os inventários consideraram, portanto, como as práticas educativas positivas: (A) monitoria positiva e (B) comportamento moral e as cinco práticas educativas negativas: (C) punição inconsistente, (D) negligência, (E) disciplina relaxada, (F) monitoria negativa e (G) abuso físico.

A tabulação dos dados foi realizada a partir das folhas de respostas, tendo sido agrupados os resultados numa planilha Excel da seguinte maneira: **arquivo tabulação família_pai relatório.xls** (com planilhas referentes a escola 1 e 2 separadamente) e arquivo **tabulação família_mãe relatório.xls** (com planilhas referentes a escola 1 e 2 separadamente. Para garantir o sigilo das informações e também organizar os dados da pesquisa, os inventário foram identificados a partir do número 1 até o último número correspondente ao total de respondentes de cada sala. Assim temos no banco de dados a seguinte identificação ID = 1; ID = 2 (e sucessivamente) até o término da sala pesquisada.

Cada resposta recebeu uma pontuação para a tabulação da seguinte forma:

NUNCA= 0

AS VEZES=1

SEMPRE= 2

Cada prática educativa poderia, portanto, atingir a pontuação máxima de 12 pontos e a mínima de 0 pontos. Quando o aluno não respondeu uma questão foi indicado o valor 0 conforme orientação do Manual de Aplicação (GOMIDE, P.I. C. (coord.)2006).

A partir da tabulação dos dados realizada até este momento já foi possível estabelecer o estilo parental de cada respondente e também estabelecer o total de respondentes com estilo parental negativo, ou seja, o total de alunos que possuem a prevalência de práticas parentais negativas. No banco de dados de cada escola esta informação aparece na **coluna contagem de negativos**. Também foi possível estabelecer a partir dos iep negativos, uma contagem por gênero: dos respondentes com iep negativo quantos são do sexo masculino (**coluna contagem de meninos negativos**).

Outras interpretações dos dados incluirá a análise dos estilos parentais entre os alunos considerados violentos no ambiente escolar e também uma definição entre as práticas educativas paternas e maternas nestes casos. Também será possível avaliar a proporção de práticas positivas e negativas entre pais e mães para o grupo pesquisado.

4. Uma análise dos estilos parentais

De acordo com a metodologia aplicada temos que o **estilo parental negativo é indicativo de práticas parentais negativas**, isto é, há prevalência de práticas parentais negativas que neutralizam ou se sobrepõem às práticas parentais positivas. Ao contrário quando o iep é **positivo isto indica uma forte presença de práticas parentais positivas**, podendo o iep variar de – 60 (presença total de práticas negativas), a + 24, com ausência de práticas negativas e presença total de práticas positivas.

As duas escolas apresentam porcentagens parecidas dos índices de tutela familiar negativos, sendo que este tipo de tutela prevalece nas escolas. De acordo com Ceconello, Antoni e Koller (2003) esse estilo parental negativo pode ser autoritário ou negligente, o que pode intensificar comportamentos anti-sociais em jovens, como o protagonismo de violência na escola. Os filhos de pais autoritários, especialmente mães, apresentam comportamento de agressão verbal ou física, destruição de objetos, mentem, são retraídos socialmente, apresentam depressão e ansiedade (WEBER et al, 2004; GOMIDE, 2006). Conforme os dados analisados, 53% dos alunos da Escola 1 e 53% dos alunos da Escola 2 apresentaram resultado negativo quando às práticas parentais de mãe. Na Escola 1, 109 alunos são caracterizados como protagonistas de violência. Dos alunos entrevistados sobre práticas educativas de mãe na Escola 1, totalizando 217 alunos, 115 apresentaram práticas educativas de mãe negativas. E na Escola 2, dos 213 alunos entrevistados sobre as práticas educativas de mãe, 113 alunos apresentaram

práticas de mãe negativas, ou seja, mais da metade dos alunos entrevistados apresentam essas práticas, e podem apresentar maior índice de comportamentos negativos.

Quanto aos indicativos de práticas educativas paternas, os resultados negativos também são maiores. Na escola 1, dos 204 alunos entrevistados, 124 apresentaram práticas educativas paternas negativas. E na escola 2, dos 214 alunos entrevistados sobre as práticas educativas de mãe, 132 alunos apresentaram práticas de mãe negativas.

Mesmo com um índice maior de indicativos negativos da tutela familiar, há um índice alto de indicativos positivos nos alunos entrevistados, ou seja, há pais que educam seus filhos com o estabelecimento adequado de regras, com afeto, supervisão de atividades escolares, favorecendo o senso de justiça, responsabilidade e o conhecimento do certo e do errado (HOFFMAN apud CECCONELLO, ANTONI e KOLLER, 2003). Os filhos de pais autoritativos (democráticos) são social e instrumentalmente mais competentes. Este estilo parental promove um desenvolvimento psicológico de crianças e adolescentes considerado mais positivo em termos de maturidade psicossocial, competência psicossocial, desempenho escolar, autoconfiança e menores níveis de problemas de comportamento, conforme Cecconello, De Antoni, Koller (2003), Weber et al (2004) e Gomide (2006).

5. Considerações finais

Percebe-se, diante dos dados analisados, que a maioria dos alunos entrevistados apresentam práticas educativas parentais negativas. As famílias dos alunos protagonistas de violência são criticadas por não conseguirem controlar aos seus filhos, já que nessas famílias os pais são separados ou ausentes. Porém, essa estrutura familiar não ocorre exclusivamente com famílias de filhos tidos como violentos. Com isso desqualificam-se as famílias que vivem nas periferias (CUNHA, 1997; MELLO, 2002).

O protagonismo de violência na escola é percebido pela sociedade como algo que está vinculado totalmente à família, já que esta é considerada a primeira agência educacional do ser humano e é responsável, principalmente, pela forma com que o sujeito se relaciona com o mundo, a partir de sua localização na estrutura social (OLIVEIRA, MARINHO-ARAÚJO, 2010). As famílias que vivem na periferia são tidas como desestruturadas, já que pode não haver estabilidade conjugal, ou os pais são ausentes por trabalharem fora, mas essas não são características apenas das famílias periféricas. Há discussões a respeito da constituição do que é família. Essas variáveis, como a falta de estabilidade conjugal, sendo que pai, mãe, tios ou avós podem exercer tanto o papel de provedor quanto o de cuidador, mudaram o conceito de família. “Os

modelos familiares não mais se restringem à família nuclear que compreendia a esposa, o marido e seus filhos biológicos” (OLIVEIRA, MARINHO-ARAÚJO, 2010)

As causas da violência juvenil são imputadas às famílias dos jovens que são descritas como aquelas que têm dificuldade para a imposição de limites, normas e valores aos filhos. A adoção de um ou outro estilo parental se constituiria, então, em um dos fatores relacionados ao protagonismo de violência por jovens. Porém, as atitudes dos pais quanto à sua ausência, ou falta de atenção com os filhos no que se diz respeito às lições escolares, imposição de limites ou construção de valores não são exclusivas das famílias cujos filhos são considerados violentos, nem das famílias de níveis sócio-econômicos baixos. Há necessidade, portanto, de aprofundar estudos a respeito da influência da família e da escola no protagonismo de violência de jovens.

6. Referências bibliográficas.

- CECCONELLO, A, M; DE ANTONI, C.; KOLLER, S. H. Práticas educativas, estilos parentais e abuso físico no contexto familiar. *Psicologia em Estudo*. v. 8, n.esp. Maringá, 2003.
- CUNHA, M. V da. A desqualificação da família para educar. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, n.102, 1997.
- GOMIDE, P. I. C. IEP: *Inventário de estilos parentais: modelo teórico, manual de aplicação e interpretação*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- MELLO, Z. M. de. *Família y violencia: supervivencia en la casa y en la calle. Una vivencia en la ciudad de Recife*. Universidad Deusto, 1998. Tese de doutoramento.
- MELLO, S. L. de. Família: uma incógnita familiar In: AGOSTINHO, M. C. (Org). *Família, conflitos, reflexões e intervenções*. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 67-78, 2002.
- OLIVEIRA, C.B.E; MARINHO-ARAÚJO, C.M; A relação família-escola: intersecções e desafios. *Estudos de Psicologia*, n.27, n.1, Campinas, 2010.
- SARTI, C. A. Família e Jovens: no horizonte das ações. *Revista Brasileira de Educação*, n. 11, 1999.
- SEGOND, P. Família e Transgressão. *Psicologia Teoria e Pesquisa*. Vol. 8, 1992.
- VERZINI, A. M. Um estúdio sobre la relacion padres- hijos y el comportamiento de un grupo de adolescentes em uma escuela. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, vol. 48, n. 4, 1996.
- WEBER, L. N. D; PRADO, P. M.; VIEZZER, A. P; BRANDENBURG, O. J. Identificação de estilos parentais: o ponto de vista dos pais e dos filhos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v.17 n.3, Porto Alegre, 2004.